

Fundamentos Clássicos da Língua Portuguesa (Amós Coêlho da Silva)

O latim é um ramo indo-europeu, falado na região do Lácio e compreende um período literário, que se subdivide em arcaico e clássico. A fibula prenestina, encontrada em 1871¹, documenta um latim arcaico e bem distante² do *sermo urbanus*, como os romanos chamavam o latim clássico de Cícero, Vergílio, Horácio *et alii*, em oposição ao *sermo uulgaris*, latim vulgar.

O latim vulgar era a língua falada inicialmente pela classe social desfavorecida, isto é, os plebeus e depois pela classe média no fim do Império Romano na România, um conjunto de dominação militar dos romanos, ou seja, o Império Romano. É desta modalidade de língua que se desdobram o português, o italiano, o espanhol, o catalão (que sofre a superposição do espanhol), o francês, o provençal (que vem dando espaço ao francês), o romeno, o rético ou ladino, o sardo e o desaparecido dalmata.

Do latim vulgar temos uma concepção a partir de inscrições, como os *graffiti* (escritos a carvão nas paredes de Pompéia), ou ainda das comédias de Plauto, do *Satyricon* de Petrônio, da narrativa *Peregrinatio Aetheriae* (ou *Egeriae*) *ad loca sancta*, *Viagem de Egéria pelas terras santas*, do *Appendix Probi*, além de depoimentos dos múltiplos gramáticos romanos.

Todas as *inscriptiones orbis Romani*, que testemunham as modificações do latim se transformando nas neolatinas ou novilatinas, ou ainda nas línguas românicas, estão reunidas no *Corpus Inscriptionum Latinarum*.

Latim Clássico

Eram características do latim clássico:

-amplo flexionismo nominal e verbal: portanto, falta de determinantes, como artigos e pouco uso de outros, como os pronomes possessivos; moderado uso de palavras de relação (preposições);

-certa liberdade relativa de colocação de palavras na frase, predominando o que se chama ordem inversa (ao português).

Era o latim clássico uma expressão sintética da linguagem, se a cotejarmos com o português. Na famosa pergunta de Cícero (*Catilinária*) a Catilina, *Quem ad finem sese effrenata iactabit audacia?*, temos sete palavras, relacionadas pela concordância gramatical e pela regência, que, se traduzidas palavra após palavra, temos **quem** (pronome interrogativo), **que**; **ad**, a, até (preposição); **finem**, fim, limite; **sese**, se (pronome reflexivo); **effrenata**, desenfreada; **iactabit**, lançará; **audacia**, audácia – portanto, *Que até limite se desenfreada lançará audácia?* – ordem inversa (ao português) e omissão do artigo e do possessivo *tua*. Mas traduzir, do latim *traducere* ou *transducere*, é *conduzir para além, para outro lado, para o lado de lá*. Daí, *Até que limite se lançará a tua audácia desenfreada?* (contando o português com nove palavras na tradução).

Em Ovídio, (*Metamorfoses*, Livro VII, 20-1): *Video meliora proboque, / Deteriora sequor*, temos **video**, vejo; **meliora**, coisas melhores; **probo**, aprovo; **que**, conjunção e; **deteriora**, coisas piores; **sequor**, sigo. Palavra por palavra resultaria em: *Vejo as coisas boas aprovo e as piores sigo* – falta objeto direto para aprovo, que poderia ser uma forma de pronome que em português seria **as**; falta uma conjunção **mas**, embutida no contexto; síntese da palavra **coisas** no adjetivo de forma neutra **meliora** e **deteriora**. Compreendido isto, traduziríamos *Vejo as coisas boas e as aprovo, mas sigo as piores*.

Em Horácio, (*Epístolas*, Livro I, 11,27), *Caelum, non animum mutant qui trans mare currunt*, temos **caelum**, o céu; **non**, não; **animum**, o espírito; **mutant**, mudam; **qui** – nominativo plural, pois o verbo é indicativo disso – os que; **trans**, além de – rege o acusativo **mare**, além do mar; **currunt**, correm; por conseguinte, *O céu, não o espírito mudam os que para além do mar correm*. O português omite o verbo só depois de enunciada a primeira oração num período composto de duas orações; o latim, ao contrário, o omite antes, se houver uma oração que o

¹ MELO, Gladstone Chaves de. P. 92.

² A inscrição da fibula é “Manios med fhefhaked Numasioi” com o arcaico nominativo –os, acusativo de pronome –ed, um perfeito de **facio** com redobro **fhefhaked**, s intervocálico sem rotacismo e dativo –oi, equivalendo ao *sermo urbanus* “Manius me fecit Numerio”, “Mânio me fez para Numério”.

explicito depois; por isso, devido à sua ordem inversa, leia-se: mudam o céu, não o espírito, os que correm para além do mar. Uma tradução mais estilizada seria: *Mudam os céus, não o espírito, aqueles que percorrem além dos mares.*

Latim Vulgar

O latim popular tendia para construções analíticas. Muito cedo aplicou uma preposição para a expressão clássica do genitivo **Petri** (=de Pedro), formando **De Petro**, eliminando a flexão casual denominada genitivo e, no caso do português, o *de* passou a significar posse.

Substituiu as formas verbais simples por locuções: **amabo** por **amare habeo** > **amar hei** > **amarei** (nosso atual futuro do presente do indicativo)...

O pronome demonstrativo passou a funcionar como artigo **illu(m), illa(m), illos, illas** > **lo, la, los, las** > **o, a, os, as.**

No vocabulário, manteve uma parte comum com a língua clássica: **pater, filius, panis, canis, etc.**; mas privilegiou *focus* por *ignis*, *cattus* por *felis*, *minacia* por *minae*, resultando em português *fogo, gato e ameaça.*

O diminutivo perdeu a sua significação como grau e, por se constituírem em proparoxítonas, sofreram deslocamento do acento, o que provocou queda de fonema: **ovic(u)la** por **ovis, apic(u)la** por **apis**, transformando-se em **ovelha** e **abelha.**

Sistemizemos, pois, algumas características do latim vulgar ou popular:

1) na fonologia:

-redução dos ditongos e dos hiatos a uma única vogal:

aurum > **orum** (ouro)

praeda > **preda** (despojos de guerra)

Na evolução para o português, houve a passagem de *au* a *ou*, mas ocorreu também a sua reintrodução, como *causa* e *coisa* (*cousa* em Portugal).

-a queda de consoante intervocálica deu margem a um ditongo **au**: **malu** > **mau.**

-obscurecimento de certos sons finais:

est > **es**

amaverunt > **amaverun**

Por sua discricção na prolação, desapareceu este “**t**”. Por analogia, acontece o mesmo com outras expressões: **post** > **pos.** Há queda do **e**: **debere** > **dever**; também em **mare, labore, dece...**

O acusativo singular clássico, que era assinalado pela nasal, desapareceu. Por analogia, palavras, como **decem** > **dece**, depois **dez**, também o perdeu.

Também houve desnasalização em: **ansa** > **asa**; **mensa** > **mesa**

-tendência para a paroxítona:

apicūla > **apicla** > **abelha**

domīnus (dōminus) > **domnus**

calīdus (cálidus) > **caldus**

cathēdra (cáthedra) > **cathédra**

intēgrum (íntegrum) > **intégrum**

-perda da aspiração representada em latim pelo h: **homo** > **omo**; **habere** > **abere**

-assimilação: **persicum** > **pessicum**; **ipse** > **isse**

-prótese de um /i/ antes do grupo consonantal ST, SP e SC, representado pela grafia **e**:

stare > **istare** (estar)

spiritus > **ispiritus** (espírito)

stella > **istrela** (estrela)

***scalata** > **iscada** (escada)

Por conseguinte, quaisquer empréstimos com essa estrutura fônica, como o do *gr. schole*, vai gerar a prótese, ortograficamente com **e**: *escola*. O que significa que **uma estrutura fônica latina** se impõe como continuidade. Por exemplo, a vogal como **centro de sílaba.**

Tendência fonética ou correspondência fonética

O nosso vocabulário se compõe historicamente do seguinte modo:

-do **substrato** (=povos vencidos ou dominados pelos soldados romanos) da România Ibérica, ou melhor, da Península Ibérica, onde se deu a formação do português, espanhol e catalão. O substrato ibérico é composto de **palavras ibéricas**, ou pelas pré-românicas, como baía, barro e esquerdo; **de palavras célticas**, como gato, cerveja, **de palavras gregas**, como esmeril, guitarra, galé e **de palavras fenícias**, como mata, malha etc.

-**de um elemento latino**, propriamente dito, como os inúmeros exemplos citados acima e mais adiante na evolução do latim ao português.

-**de um superstrato** (povos vencedores dos soldados romanos) **da România**, como o fato de **os germânicos** realizarem as invasões bárbaras (séc.V d.C.), vencerem o seu antigo opressor, os romanos, mas terminarem abrindo mão do seu idioma e adotarem o latim. Embora tivessem adotado o latim como idioma deles, marcaram a sua presença com inúmeros germanismos, como a adoção no romance ou romanço ibérico dos nomes germânicos dos pontos cardeais. **O elemento árabe**, outro dominador da Península Ibérica, se fez presente a partir do século VIII e desses arabismos provemos o nosso dicionário português. São exemplos: algodão, alface, alfazema, álcool, alfafa, alcachofra, algema, alicate, alfaiate, etc.

Há uma constante tendência nas mudanças das formas das palavras latinas impostas pelo romano vencedor. Por exemplo, **a desnasalização** em *sinu* > *senu* > *seo* > *seio*; *arena* > *area* > *areia*; *frenu* > *freo* > *freio*; **a crase** em *lana* > *lã* > *lã*, *pede* > *pee* > *pé*, *nudu* > *nuu* > *nu*, *videre* > *veer* > *ver*; *sede* > *see* > *sé*; **a queda das sonoras intervocálicas** em *gradu* > *grau*, *nodu* > *noo* > *nó*. Desde a influência positivista do século XIX, se passou a denominar essas mudanças de **evolução** e as suas causas seriam provenientes de **leis fonéticas**. Modernamente, tais termos (**evolução, família de línguas...**) continuam sendo empregados, mas com restrições. Há de se observar que existe uma **tendência fonética ou correspondência fonética** entre *lacu* > *lago*, pela regularidade das ocorrências dos fatos lingüísticos.

Se não tivesse acontecido a intervenção de escritores, em relação àqueles que tinham consciência da filiação latina do português, não teríamos um vocabulário tão rico nos nossos dias – além do que isso testemunha a importância da escrita para os povos civilizados em relação à língua oral -, porque no processo histórico de evolução do latim para o português só no restariam aqueles étimos do caso lexicogênico, como **inteiro, trevas, cadeira** – mencionados acima. Não reaproveitaríamos o termo **íntegro**, como primitiva de integralizar, desintegrar, integrante etc.; assim, desconheceríamos **tenebroso, tenebrião** etc.; bem como, não disporíamos de **catedrático**, como derivada de **cátedra** etc. Não teríamos também conhecimento de formas derivadas no nosso vernáculo do Latim Literário: **domus, equus, bellum, ludus** – *as quais não circulavam e foram substituídas por outras preferências no latim vulgar*. Assim sendo, não teríamos domicílio, doméstico, domar etc.; equino, equitação, etc.; bélico, belonave, rebelar, debelar etc.; lúdico e ludo.

E mais: não teríamos a retomada ou recondução ao modelo latino de: abundância (em latim: abundancia) em lugar da forma histórica avondança, estimar (em latim: aestimare) pela histórica esmar; formoso (em latim: formosus) pela histórica fremoso; martírio (do grego ‘martyrion’ pelo latim: martyrium, ii) ao invés de marteiro. A forma olvidar vem da forma divergente **olbidar* > *olvidar* (do espanhol para o português?) (em latim: **oblitare*, um freqüentativo de *oblivisci*).

E note que os escritores buscaram o parâmetro de adaptação para o português no próprio Latim Vulgar, ou seja, aquelas estruturas silábicas que foram consagradas durante a implantação do latim conquistador. Os nomes portugueses em **-a, -o, -e** (lua < luna; lobo < lupu; mar {no plural, recuperamos a vogal temática} < mare), átonos finais, redução das cinco declinações a três. Donde se conclui que o estudo do Latim Clássico e do Latim Vulgar representa os fundamentos de quantos se intitulem professores de Letras, ou seja, Português e Literaturas da Língua Portuguesa.

Como aceitar que um profissional desta natureza não saiba discernir esses aspectos históricos do nosso idioma?

2) na morfologia:

-redução das 5 declinações do latim clássico a 3, por causa de semelhanças ou confusão: *dies, -es* > *dia, -ae*. Os da 5ª. declinação passaram para a 1ª. e, como *facies, -ei* > *face* e alguns, 3ª.

Os nomes da quarta passaram para a segunda: *fructus, -us* > *fructus, -i*.

-redução dos casos: por causa das preposições e ordem direta (=posição dos termos na oração na indicação de função sintática, como a do sujeito e objeto direto: **O lobo viu o cordeiro.**)

-eliminação dos neutros, transformando-os em palavras masculinas no singular (*vinum* > *vinus*; *templum* > *templus*); no plural, transformam-se em femininas (folha: no plural era *folia*, mas assumiu a forma de genitivo *foliae*: da primeira declinação)

-substituição de formas sintéticas por analíticas: *certior* (=mais certo do que) > *plus* ou *magis certus*; *justissimus* > *multum justus*

- uso do pronome *ille, illa* e numeral *unus, -a, -um* como artigo: *ille homo, illa domus, unum templum*

- redução de 4 para 3 conjugações e confusão entre as conjugações originais: *ridere* > **ridire*; (*sápere*) > **sapere*

-formação analógica de alguns infinitivos irregulares: *esse* > **essere*; *posse* > **potere*; *velle* > **volere*

-verbos depoentes passam a ativos: *sequor* > **sequo*; *irascor* > **irasco*

-criação de locução verbal: *amare habebam*; *audire habebam* / *amare habeo*; *debere habeo* / *amatus sum*; *auditus sum*. O que propiciou a criação do futuro do presente indicativo e futuro do pretérito indicativo.

amare habeo > *amare haio* > *amare hai* > *amarei*

amare habebam > *amare aea* > *amare ea* > *amaria*

3) na sintaxe:

- construções analíticas: *credo quod terra est rotunda* por *credo terram esse rotundam*

-uso abundante de preposição: *dedi ad patrem* por *dedi patri*; *liber de Pedro* por *Liber Petri*

-emprego da ordem direta

Havia uma construção analítica que empregava a preposição de mais ablativo: *de summis arcibus, das alturas das cidadelas*, paralelamente à clássica expressão vergiliana: *ab arce summa, vindo do alto da cidadela*. Sílvio Elia observa que o papel de expressar o partitivo competia ao genitivo, mas aquela outra, formada da preposição **de mais genitivo predominou no lat. vlg.**³ Exemplifica em seguida uma inovação do próprio lat. vlg., criando uma regência para um tipo de objeto direto: *bibere de aqua* por *bibere aquam*.

4) no vocabulário:

-preferência por palavras compostas, derivadas ou expressões perifrásticas: *depost* > *depos* (provém de *de + post*); *jam magis* (*ao invés do clássico nunquam*).

-abandono de algumas palavras devido ao seu significado particular: *caballus* (por *equus*); *aprendere* (por *discere*); *jocus* (por *ludus*); *bucca* (por *os*); *focus* (por *ignis*); *casa* (por *domus*); *grandis* (por *magno*); *totus* (por *omnis*); *campus* (por *ager*); *bellus* (por *pulcher*); *bibere* (por *potare*); *manducare* (por *edere*)⁴

Essas significações especiais eram episódios históricos como os dois exemplos que se seguem. Com o termo *iecur*, que *não passou às línguas românicas*⁵, se designava o fígado em latim. O termo fígado surgiu da simplificação de um termo culinário *iecur ficatum* e que corresponderia ao que o Prof. Sílvio Elia, neste mesmo passo, denominou “*fígado enfigado*”, ou seja, fígado de pato acompanhado com o fruto figo. Para cavalo, havia em latim *caballus* e *equus*. Como se vê o primeiro, animal de carga e de lavoura, é que prevaleceu e isso se deu porque o segundo *equus* era um termo nobre e de custo elevado.

O *Appendix Probi* é uma lista - organizada por algum professor para seus alunos – com 227 correções.⁶ Foi encontrado na gramática de Valério Probo (séc. I d.C.). Quando o *Appendix* afirma que *veclus* está errado e o certo é *vetulus* (*Vetulus non veclus*), nos dá os passos da evolução

³ ELIA, Sílvio. *Preparação à Lingüística Românica*. P.240.

⁴ COUTNHO, Ismael de Lima. Exemplos da página 32.

⁵ ELIA, Sílvio. Idem. P.244.

⁶ SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do Latim Vulgar*. P 31-2.

de velho < veclu < vetlu < vetulus. Donde, o exemplo de Sílvia Elia: rotula . rotla > rocla > rolha. Note-se a rejeição às proparoxítonas: vetulus (**vétulus**) e rotula (**rótula**). Há também a preferência pelo diminutivo, como fica constatado em *oricla* (*auricula*) e outros diminutivos.

Em *noscum* por *nobiscum* (*Nobiscum non noscum*), a confusão entre ablativo e acusativo sob regência de *cum*. Em português: um esquecimento etimológico e acrescentaremos a preposição *com*: *conosco*. É o *Appendix Probi* a mais importante das fontes pelas insinuações gramaticais.

O romance lusitânico ou galego-português, já que, até o século XII, o português e o galego *constituíam uma língua comum, com poucas variações dialetais*⁷, se firmou como uma nova língua bem antes talvez da região se tornar um reino independente no século XII. Esse período é denominado Protoportuguês, cujo elemento *proto* indica uma fase histórica de documentação escassa. Por causa da conquista árabe desde o século VIII, houve uma convivência bilíngüe, denominada pelos invasores árabes ou mouros de *aljamia*. Historicamente, a nova língua é um ramo do latim coloquial (para evitarmos a expressão latim vulgar, como recomendam os filólogos). Esse latim ibérico é que há de se tornar um romance, a primeira forma da língua portuguesa. Sob domínio dos romanos no século V, a Ibéria experimentou a pressão militar de antigos invasores bárbaros: visigodos, alanos, suevos e vândalos. O termo romance ou romanço é derivado do latim da Idade Média *romancium*, expressão com a qual se designavam as novas linguagens. Os romances da península Ibérica são o português, o castelhano ou espanhol e o catalão.

Desinência

Segmento fônico como forma de terminação de uma palavra para expressar no flexionismo nominal (=nome, por extensão: artigo – em grego, o artigo flexiona, numeral e pronome) gênero e número e no verbal, cumulativamente, número-pessoal e modo-temporal.

À parte, dessas considerações mórficas ficarão as heteronímias, isto é, as expressões supletivas, que, ao invés de uma flexão mórfica da palavra, exprimem-se categorias gramaticais pela forma vocabular, ou seja, usam-se outros vocábulos, como:

-pessoa gramatical nos pronomes (e até advérbios): a exemplo disso, **eu**, para a primeira, **tu**, para a segunda, e para a terceira pessoa, a criação românica, pois no latim não havia a terceira pessoa pronominal, e sim o freqüente emprego de **ille**, **illa**, **illud** para esta indicação gramatical, **ele**.

-casos reto e oblíquo: ex.: **eu-me-mim**.

-categoria de número: **eu/nós**, por exemplo.

-algumas indicações de gênero do substantivo, assim como **homem-mulher; bode-cabra...**

-nas anomalias verbais, com em vários verbos: **vai-ia-foi; és-sois** etc.

O verbo *esse*, na latinidade clássica, ainda conserva o sufixo arcaico *-se*, que nos demais verbos se apresenta com rotacismo *-se > -re*: *amare*, *delēre*, *agēre* e *audīre*. Sincronicamente, temas do verbo *esse* do *Infectum* resultam nas formas *s-*, *es-* / *er-* em oposição ao *perfectum fū-*.

Na passagem para o português, ocorreram formas supletivas, provenientes dos verbos *sedēre*, *sentar*, por isso, o flexionismo vernáculo ficou sendo:

s-, *so-*, *sa-*: squ, somos, sois, são.

e-, *er-*: és, é, era...

se-: será..., ser, sendo, sido (*alternância de e > i*); *sej-* (*lat. sed-*), palatalizado no pres. do subj.: *sedeam* (*de > /ž/*) > seja ...

Também há formas supletivas no português na evolução de *ire*. A forma *fU-* / *fu..* pertence ao verbo *esse* e continua no verbo *ir*: fui (*alternância de o > u*), foi..., fora..., fosse..., for...

Além disso, *ire* passando a *ir*, incorporou formas de *vadere*, *marchar*, *dirigir-se*. Por isso, temos em português a forma **va-** no presente subjuntivo: **vá**, **vás**, **vá**, **vamos**, **vades**, **vão**. No presente indicativo também: **you**, **vais**, **vai**, **vamos**, **vão** – a primeira do plural pode ser também *imos*⁸ e a segunda do plural é *ides*.

Expressão casual latina por desinências

⁷ JOTA, Zélio dos Santos. Verbete GALEGO.

⁸ BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. P. 273.

3) A letra *e*, nos casos genitivo e dativo singular e nominativo e vocativo plural da primeira declinação, e casos ablativo singular, nominativo, vocativo e acusativo plural da terceira, exceto a sua presença na 5ª, é a representação do arcaico *-i* (ou permanência do *e*, como vemos na evolução de *rex, regis*: ablativo instrumental *reg-e*, mas o locativo era **reg-i*, o que não invalida a perspectiva didática acima).

4) O ablativo *-d*, que havia na 1ª, 2ª. e 4ª. declinações, bem como nos temas sonânticos e terminou desapareceu e passou a ocorrer a indicação da vogal temática da declinação (1ª em *-a*; 2ª em *-o*; 3ª em *-e*; 4ª em *-u*; 5ª em *-E*) como elemento desinencial de ablativo, como já era nos consonânticos da 3ª. e nos temas da 5ª. (estes grupos não tinham o *-d*).

Varrão (116 a 26 a.C.) diz que o sexto caso (ablativo) é por onde se deveria iniciar a declinação de uma palavra, pois *qui est proprius Latinus, que é um caso peculiar à língua latina*. Na época de Varrão, não havia o nome ablativo. Os gramáticos romanos, porém, insistiram em declinar a partir do genitivo, imitando os gramáticos gregos.

5) Lembre-se de que o tema latino é depreendido por supressão do elemento desinencial, seja verbo ou nome. Em português, é que é por adição: radical mais vogal temática.

Note-se a economia para a nossa memória, contida nesta síntese. Por isso o latim, fluindo como linguagem corrente, passou de 5 para 3 declinações; de 4 para 3 conjugações. Aboliu 5 casos, resumindo no caso lexicogênico, o acusativo. Em português, no singular – a nasal, representada pela letra *m* e comum a todas as declinações, desapareceu e gerou o morfema zero, (∅) e, no plural, dada a sobrevivência do *s* comum a todas as declinações, herdamos o morfema aditivo *s*.

Acusativo singular latino:	Português:
rosam	rosa
victoriam	vitória
mundum	mundo
verbum	verbo
florem	flor
dentem	dente
hominem	homem (uma das raras palavras que conserva o acusativo)
solem	sol

Obs.: No plural, da terceira declinação persiste o *e* que seria uma vogal temática em latim.

Ex.: flores, melés (em Português, o plural de mel é meles); mares.

Há vestígio dos outros casos. De nominativo, o substantivo *Deus*; os pronomes, sujeito de oração: *ego, tu, ille, nos, uos* etc. De dativo: *mihi*, para mim.

Nos nomes compostos, formados no próprio latim, há o genitivo, no primeiro elemento: *terraemotu* > terremoto; *aquaeductu* > aqueduto; *jurisprudencia* > jurisprudência.

Outras heranças gramaticais do latim

1) Comparem-se as desinências pessoais latinas e as portuguesas:

Português	Latim	Apenas as desinências latinas
am O / amava ∅	am O / amaba M	-o / -m
ama S	ama S	-s
ama ∅	ama T	-t
ama MOS	ama MUS	-mus
ama IS	ama TIS	-tis
ama M	ama NT	-nt

2) As dezoito preposições portuguesas são oriundas do latim, do seguinte modo:

1) de uma única preposição latina, com modificações formais ou não, processadas ao longo do tempo: a < ad

ante < ante

contra < contra

de < de

com < cum

em < in
entre < inter
per < per
por < *por (pro)
sem < sine
sob < sub (sendo que *sob* é uma reconstituição erudita)¹⁰
sobre < super
trás < trans
2) aglutinações que se processaram no latim vulgar:
após < ad-post
até < ad tene
desde < de-ex-de
para < per + ad

*La déclinaison indo-européenne comportait huit cas: nominatif, vocatif, accusatic, génitif, ablatif, datif, locatif, instrumental.*¹¹ Aos poucos o sistema flexional indo-europeu se simplificou, apoiando-se na clareza imposta pela preposição, que eram *anciennement, des particules ou adverbres autonomes précisaient la relation exprimées par la forme casuelle*¹². Na fase histórica os nomes indo-europeus ainda se mantiveram com flexão casual, mas a preposição ganhou muita relevância. A origem da preposição está em partículas de valor adverbial, que, aos poucos, assumiram o papel sistemático de insinuar a função sintática.

Assim, **procul** pode ser advérbio e preposição, conforme o seu valor na oração:

Procul, o procul este, profani!, Ficai longe, profanos! (Fórmula solene dos sacerdotes entre os romanos); *Procul colitur terra, a terra é habitada em grande extensão: procul*, num e noutro caso, é advérbio, pois se refere à ação verbal, ou seja, não rege ablativo.

Beatus ille qui procul negotiis, Feliz aquele que longe dos negócios (Horácio, *Epodo* I,1): *procul*: é preposição, uma vez que rege o termo que antecede em ablativo: *negotiis*.

O mesmo pode acontecer com *contra*, conforme o seu emprego na oração: *contra atque fieri solet, costuma acontecer ao contrário: contra* – advérbio, pois se refere ao verbo;

contra Labieni castra considunt, tomaram posição contra o acampamento de Labieno (J.César, *De Bello Gallico*, 3;43,1): *contra*, preposição que rege o acusativo *castra*.

Há continuidade deste processo de certa forma em português, que admite um quadro de preposições acidentais, em oposição às essenciais acima, porque elas derivam de outras classes gramaticais, ou seja, não desempenham unicamente o papel de preposição, como é o caso de *segundo, como* (respectivamente numeral e advérbio interrogativo).

As preposições introduzem **em latim** um elo de subordinação entre o determinante e o determinado, mas apenas para os casos acusativo e ablativo; **em português** conecta alguns termos oracionais, como o objeto indireto – exceto se representado por pronome **lhe**, adjunto adverbial ou adnominal, complemento nominal, agente da passiva e certo tipo de aposto. Há ainda o emprego estilístico para o objeto direto.

Em latim, a preposição fixa as subordinações como reforço, **geralmente, a verbo – latim clássico, sempre com valor de adjunto adverbial**, seja a lista de preposições que regem acusativo, seja a de ablativo. Dissemos que elas são um reforço porque a desinência existiu ao lado delas.

As preposições **IN, SUB E SUPER** que, **se o verbo denota movimento**, ou seja, **deslocamento de um ponto a outro**, são seguidas de **acusativo** e, **se não**, de **ablativo**. Assim, *ire in scholam*, a preposição *in* pede acusativo; se for *esse in schola*, a preposição *in* pede ablativo.

3) Os prefixos, os quais surgiram de uma atuação como prevérbios, são oriundos de advérbios e preposições do latim e do grego.

¹⁰ COUTINHO, Ismael de Lima. P.269.

¹¹ MEILLET, A. & VENDRYES, J. p.545.

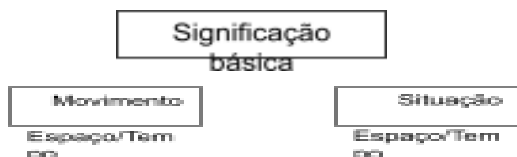
¹² ERNOUT, A. & THOMAS, François. P.9.

Com a anteposição desses elementos, que formam um inventário comensurável ao radical ou tema, temos possibilidade de ampliar o dicionário e enriquecermos semanticamente a palavra.

Se considerarmos sincronicamente, o prefixo como *IN-* apresenta polissemia, ou seja, mais de um significado, *negação* (como em *infiel* e *movimento para dentro* (como em *ingerir*)¹³.

Há outros prefixos com múltiplas significações, como *RE-*, que pode ser repetição em *RE*iterar, *RE*novar, *RE*ssurgir, ou movimento para trás como *RE*gredir, *RE*cordar, *RE*lembrar etc.

Como as preposições, os prefixos denotam movimento e situação no tempo e no espaço, o que significa uma economia para a nossa memória, conforme esquema abaixo:



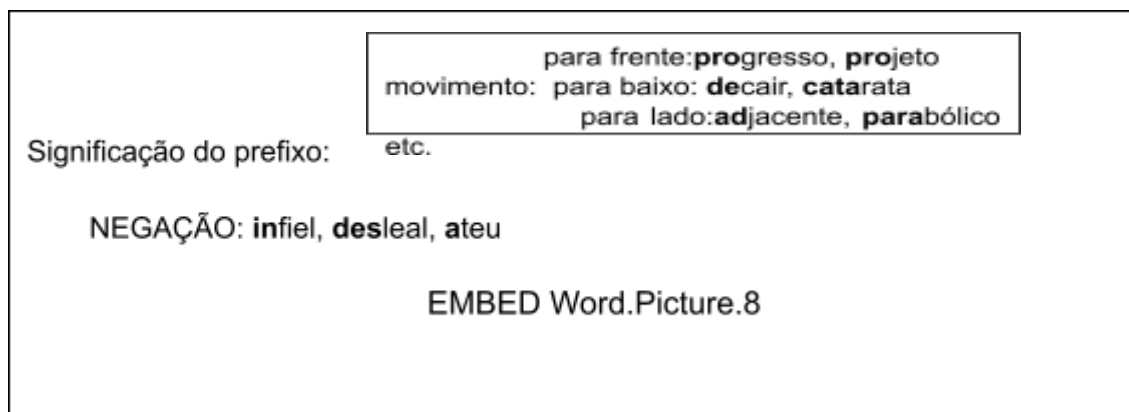
Quanto ao movimento temos:

- 1 - para frente: **projetar**, **progredir**;
- 2 - para trás: **retroceder**, **regredir**;
- 3 - para dentro: **importar**, **introjetar**;
- 4 - para fora: **exportar**, **extrair**, por exemplo.

Quanto à posição ou situação:

- 1 - dentro: **intramuscular**, **introspectivo**;
- 2 - fora: **extraordinário**;
- 3 - embaixo: **subsolo**, **subchefe**;
- 4 - em cima: **superposição**, **supercílio**;
- 5 - contrária: **contraveneno**, **antipático**;
- 6 - dos dois lados: **ambidestro**, **anfíbio**, etc.

Donde, temos o seguinte quadro sinótico:



4) A marca de dois casos latinos:

Acusativo com infinitivo

O acusativo é o *caso lexicogênico*, ou seja, criador do léxico, porque, na evolução do latim vulgar ao português, aconteceu a redução gradual das desinências casuais até a sobrevivência de, praticamente, uma única forma casual: o acusativo.

No singular, houve a desnasalização, que, de fato, era a marca distintiva desse caso nas 3 declinações do latim vulgar, ou nas 5 do latim clássico; por isso mesmo, o nosso singular é Ø (zero) e, **no plural**, a persistência do –s distintivo desse caso; por consequência, o plural é +s (aditivo).

¹³ ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Verbete in- “L’usage d’inité imperial (dans Ovide seul, on compt comme neologisms incommendatus, inconsumptus, incustoditus (etc.)”

Outro resultado adveio: formamos em português temas nominais em 3 grupos (comparáveis às 3 (1ª. em **-a**, a 2ª. em **-e** e a 3ª. em **-i**) conjugações): **-a**, **-e** e **-o** átonos finais.

O dicionário etimológico registrará que rosa < rosa; lobo < lupu e ave e flor < ave e flore; por isso, é melhor dizer que o grupo atemático é formado por jacarandá, café, pó (a, e, o tônicos), e não quando simplesmente terminar em consoante (mar, sal; outros exemplos, pois, são abonadores de uma forma hipotética em **-e**, como mal, plural males).

Acusativo, além de complemento verbal e adjunto adverbial (quando preposicionado) – neste contexto se preposicionado, também é o sujeito do infinitivo. Se o verbo estiver no infinitivo, o sujeito vem em acusativo:

Creo Deum esse bonum, Creio que Deus é bom;

Credit se cantare posse, Julga ser capaz de cantar.

Enquanto em português orações completivas de alguns verbos são ligadas a estes verbos por conjunção e o verbo da oração completiva vem num modo (indicativo ou subjuntivo, como Creio que eles se enganaram (modo indicativo) ou Mandei que ele saísse (modo subjuntivo), em latim, sempre mais sintético, não usa a conjunção e despoja o verbo da flexão de número, pessoa e modo, fixando o verbo no infinitivo, compare:

Português

Latim

Digo que este rapaz lê, leu e lerá Dico hunc puerum legere. legisse et lecturum esse.

A tradução literal da frase latina é *este rapaz ler, ter lido e haver de ler*. Note que o infinitivo futuro concorda em gênero, número e caso com o sujeito.

Portanto, a construção latina é estruturada a partir de três regras para a oração subordinada: 1) supressão da conjunção integrante *que*, 2) o sujeito fica no acusativo e 3) o verbo no infinitivo, que em latim será infinitivo presente, infinitivo perfeito (=passado) e infinitivo futuro. Se a oração subordinada tem verbo de ligação, o predicativo concordará com o sujeito, que sabemos é um acusativo: *Memento te esse mortalem, Lembra-te que és mortal; Scio Deum esse bonum, Sei que Deus é bom; Omnes affirmant hunc librum esse, futurum, fuisse bonum, Todos afirmam que este livro é, será, foi bom.*

A língua portuguesa possui infinitivo pessoal, o que é uma novidade, pois no latim o infinitivo não varia de pessoa, daí o sujeito só poder vir em acusativo.

As orações infinitivas são completivas, ou seja, vem sempre depois dos seguintes verbos:

a) *uerba sentiendi* (verbos do sentido ou sensitivos): *audire* (ouvir), *uidere* (ver) e sinônimos:

Mugire uidebis sub pedis terram, Ouvirás (=Verás) a terra mugir sob os pés.

b) *uerba declarandi*: *dicere* (dizer), *negare* (negar), *respondere* (responder), *scire* (saber), *putare* (julgar), *credere* (crer)...

Caesar putat se fuisse beatum, César crê ter sido feliz. (O pronome se vale para singular e plural)

c) *uerba uoluntatis*: *uolle* (querer, uolo), *malle* (preferir, malo= magis uolo), *nolle* (não querer, nolo =ne uolo), *cupere* (desejar), *vetare* (proibir), *cogere* (obrigar, concluir), *iubere* (ordenar, mandar)...

A voz passiva ocorre com muitos verbos para expressar um sujeito no nominativo:

ao invés de *Dicitur Gallos in Italiam transisse, Diz-se que os gauleses passaram para a Itália* – é recomendável *Galli dicuntur in Italiam transisse, (literalmente: Os gauleses são ditos terem passado para a Itália)*. O que ocorreu? O sujeito do infinitivo que estaria no acusativo, passou a sujeito da oração principal. Eis um exemplo de Fedro: *Vulpes ad cenam dicitur ciconiam inuitasse, Diz-se que a raposa tinha convidado a cegonha para jantar.*

Os verbos *iubeor*, *uetor*, *sinor*, *prohibeor*, *cogor*, e *uideor* (=parece verdadeiro) se apresentam constantemente na voz passiva:

Consiliis, ut uidemar, bonis utimur, aplicamos as boas resoluções, conforme nos parece. (Cic. Ad Att. 5; 18,2)

Um dos recursos de impessoalização do sujeito é a passiva de *dicor*, *putor*, *feror*, *trador*:

Traditum est (=nuntiatum est, dicendum est, putandum est) *Homerum caecum fuisse, Disse-se que Homero foi cego. (Cic., Tusc, 5; 39,114)*

Herdamos em português este sentido causativo ou factitivo desses verbos transitivos, mas só quando há a expressão formada com o verbo *fazer*, *mandar* e *sinônimos* ou *ver*, *ouvir* e *sinônimos*, cujo objeto direto será sujeito da oração subordinada:

Eu o vi correr.

o correr: oração subordinada objetiva direta, reduzida de infinitivo, equivale a Eu vi que ele corre. O *o* é objeto direto de *ver* e sujeito de *correr*.

Na linguagem coloquial, aparece o gerúndio *Eu o vi correndo*.

Ablativo

O ablativo, por oposição ao grego que não conservou o ablativo, é chamado de *casus latinus*.

Ablatiuus casus provém de *auferre* (supino *ablatus*: *ablat*+ *iuus*), tirar, levantar – marca o ponto de partida, afastamento, separação.

Resumindo o emprego nominal do ablativo: constrói-se um substantivo em ablativo, regido ou não de preposição, exprimindo circunstância (lugar, tempo, instrumento, origem, etc., como em: *Redeo ex Gallia*.(Volto da Gália –lugar onde); *Caesar pugione interfectus est*.(Cesar foi morto por punhal – instrumento).

Obs.: O agente da passiva expressa-se em ablativo com a significação de causa. *Caesar a Bruto interfectus est*.

O emprego oracional, ablativo absoluto, ocorre quando se trata de oração reduzida com função circunstancial, independente dos termos essenciais da oração (sujeito e predicado), porém com dependência semântica da circunstância.

Exs.: *Belo finito, milites in patriam reversi sunt*.(Terminada a guerra, os soldados voltaram para casa)

Augusto regnante, Christus natus est. (Quando Augusto reinava, Cristo nasceu)

É muito do gosto estilístico do latim o *ablativo absoluto*, pela sua propriedade de síntese e autonomia, isto é, absoluto.

Formação e emprego do ablativo absoluto

- participio presente ou passado passam a equivaler tanto a um substantivo quanto a um adjetivo no caso do ablativo:

facio nos dá o participio passado proveniente do supino *factum* > *factus*, -a, -um. Portanto, *partibus factis, sic leo locutus est* (feitos os cortes(=partes), assim falou o leão)

regno nos dá o participio presente proveniente do pres. indicativo ou infinitivo *regna(s / are)* > *regnans*, -ntis. Portanto, *Regnante Tarquinio, Pythagoras in Italiam uenit*.(Reinando Tarquínio, Pitágoras veio à Itália)

Emprego:

Não há possibilidade de ablativo absoluto quando um termo de uma oração aparecer na outra oração, mesmo representado por pronome. Em “Tendo agarrado o cordeiro, o lobo o dilacerou”. Não se contrói em latim, neste caso, *{Correpto agno, lupus illum laceravit}*. A frase seria *Lupus agnum correptum laceravit*. “Capturada a cidade, os soldados a incendiaram.” Não poderia ser *{Capta urbe, milites illam incenderunt}*, e sim *Milites captam urbem incenderunt*.

Quanto à significação, o ablativo absoluto equivale, na tradução, a advérbios ou orações adverbiais:

Bello finito(terminada a guerra) equivale a *post bellum(depois da guerra)*; *Direpta urbe(saqueada a cidade)* equivale a *cum urbs direpta esset(como a cidade fosse saqueada)*

Há ablativo absoluto sem radical verbal. Sendo o latim língua sintética, a preferência será essa; logo, temos: substantivo mais substantivo formando ablativo absoluto: *Caesare dictatore, Cleopatra Romam uenit* (Quando César foi ditador, Cleopatra veio a Roma); *Cicerone consule, Catilina conjurationem fecit* (Quando Cícero foi cônsul, Catilina fez uma conjuração).

Estas construções acontecem porque não apenas por simples elipse do verbo *esse*, mas também porque morficamente o verbo *esse* não tem supino para formar participio passado, nem admite a formação de participio presente.

Pronome mais substantivo - ablativo absoluto: *Te auctore, profectus sum.* (Por teu conselho, parti); *Me ignoro* (Sem eu saber); *Te invito* (Sendo tu contrário); *Me vivo* (Estando eu vivo)

Há também a possibilidade de ambigüidade:

Bello finito: tanto pode ser entendido “depois que a guerra terminou” (tempo) ou “Como a guerra tivesse terminado”(causa)

Ablativo absoluto como latinismo em português:

a) continua através do participio passado: Travada a batalha (*Hoc proelio facto*); Conhecida esta situação (*Qua re cognita*)

b) mas o português substituiu o participio presente pelo gerúndio ou infinitivo: Ao nascer do sol (*sole oriente*); Entrando o verão (*Ineunte aestate*); Deus ajudando (Deo juvante)

O **ablativo absoluto** é naturalmente apenas um pensamento à parte, uma observação separada, como se fosse um virtual par de parênteses. É tão excessivamente encapsulado e condensado que perde os caracteres mórficos de pessoa, número e gênero (nos participios há gênero), dispensando conectivo oracional e se justapondo ao parágrafo unicamente com uma vírgula. Apresenta as formas de participio presente ou passado em ablativo. Tem força de persuasão tanto quanto um silogismo. E Aristóteles, em sua *Arte Retórica*, se o examinasse, talvez lamentasse o fato de a língua grega tê-lo perdido e concentrado no genitivo este papel gramatical. É que o ablativo é o caso genuinamente latino, por isso, os outros idiomas podem imitá-lo, estabelecendo interfaces, mas não emparelhá-lo absolutamente.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - _____. *Investigações Filológicas*. Rio de Janeiro: Grifo/MEC, 1975.
- 2 - BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- 3- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: Ciência das Significações*. S.Paulo: Pontes, 1992.
- 4 - CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- 5 - _____. *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- 6 - _____. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J.Ozon, s/d.
- 7 - COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- 8 - ELIA, Sílvio. *O Ensino do Latim*. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
- 9 - _____. *Preparação à Lingüística Românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979
- 10 - ERNOUT, A. *Morphologie Historique du Latin*. Paris: Klincksieck, 1974.
- 11 - ERNOUT, A. & THOMAS, F. *Syntaxe Latine*. Paris: Klincksieck, 1972.
- 12 - ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Ethymologique de la langue latine: Histoire des mots*. Paris, Klincksieck, 1985.
- 13- FARIA, Ernesto. *Introdução à Didática do Latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- 14- _____. *Fonética Histórica do Latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- 15 - _____. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- 16 - FIGUEJREDO, J. N. & ALMENDRA, M. A. *Compêndio de Gramática Latina*. Porto: Porto Editora. 1977.
- 17 - MEILLET, A.& VENDRYES, J. *Traité de Grammaire Comparée des langues Classiques*. Paris: Presses Universitaires, 1967.